

Tênis surrado vira  
'instalação' no  
Guggenheim

PÁGINA 2



Julie Wein celebra  
obra de Chico  
no Manouche

PÁGINA 4



Irène Jacob é  
homenageada no  
Festival de Locarno

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

# 'É uma surpresa até para quem é muito íntimo meu'

Preta Gil lança livro e diz que autobiografia de seus primeiros 50 anos foi uma novidade até para sua família

Van Campos/AgNews

Por Luísa Monte (Folhapress)

**“A** vida me deu a chance de enfrentar um câncer, de terminar relações que não me enriqueciam e de começar outras. Me deu a chance de ser avó! E de ser cada vez mais Preta”. Dias após completar 50 anos, Preta Gil lança sua primeira autobiografia. Ela quer deixar ainda mais aberta a sua história, que teve reviravoltas inimagináveis nos últimos meses, marcados pelo tratamento oncológico e pelo fim do casamento. “Preta Gil: os primeiros 50” é o novo trabalho da cantora, agora como escritora.

Em evento de lançamento da obra em São Paulo nesta terça-feira (12), Preta disse que não havia outro momento para torná-la pública a não ser agora: “Comecei a escrever em 2018, parei porque passei por um tratamento oncológico muito complicado ano passado e voltei a colocar algumas histórias no papel”.

A cantora diz que o pai, Gilberto Gil, assim como os irmãos, não tiveram participação alguma na produção e foram pegos de surpresa com o livro: “A participação deles é toda, porque são histórias nossas. É o meu olhar a partir de histórias que vivemos juntos, mas todos eles estão surpresos. É uma surpresa até para quem é muito íntimo meu, porque é o meu olhar”, contou ela.

“Meu pai já está na metade e está amando. Minhas irmãs também leram e amaram”, disse Preta sobre o cantor e seus filhos. “Meu filho e minha sobrinha também estão lendo”, acrescentou, citando Francisco Muller e Flor Gil, de quem é bem próxima.



Preta Gil durante a noite de autógrafos de sua autobiografia, em São Paulo

A cantora conta no livro momentos de auge e sucesso, como seu bloco de Carnaval, assim como passagens difíceis, como a descoberta e o tratamento do câncer e a traição e o fim de seu casamento. O ex-marido, Rodrigo Godoy, se manifestou nas redes sociais e disse que tam-

bém lançará sua versão da história.

Mas Preta não se deixa abalar e diz que quer aproveitar ao máximo os próximos 50: “Depois de todo esse tratamento, eu vivo muito o aqui e agora. Estou cheia de planos e cheia de sonhos”.

## CORREIO CULTURAL

Reprodução



Kate Perry em cena no clipe gravado em reserva

## Katy Perry é investigada por crime ambiental na Espanha

Katy Perry está sendo investigada pelo governo espanhol por suspeita de crime ambiental. A cantora foi acusada de gravar um clipe em área de reserva ecológica nas ilhas Baleares sem autorização.

No clipe de "Lifetimes", lançado na semana passada, Katy se esbalda entre as ilhas de Ibiza e Formentera.

### Autocrítica

Paulo Marinho, o diretor-presidente da Globo, disse que a emissora investiu demais em conteúdos caros e que esse gasto não trouxe o retorno esperado pela empresa. Apesar disso, a emissora cresceu 12% em receita líquida neste ano.

### Autocrítica III

O executivo acredita que o serviço digital não deve buscar um lugar entre as plataformas internacionais, como a Netflix e a Max. "A oportunidade que a gente enxerga é muito na venda do nosso conteúdo e tem várias oportunidades nesse sentido"

Ela aparece passeando de moto e lancha nas praias e curtindo a famosa noite local. O filme inclui cenas feitas nas dunas de S'Espalmador, que têm acesso restrito e são protegidas por lei federal. As autoridades vão investigar se houve dano ambiental na área restrita, uma região desabitada de 3 quilômetros de extensão.

### Autocrítica II

A fala fez referência ao investimento pesado da emissora em sua plataforma de streaming, o Globoplay, que recebeu vários conteúdos inéditos, roubando o protagonismo dos canais pagos lineares da emissora, GNT, GloboNews e Multishow.

### Autocrítica IV

"A gente não pensa em competir no mercado internacional como um 'player' de mídia. Honestamente, não teríamos nem o fôlego necessário para competir com essa turma", disse o empresário em palestra do Pay-TV Forum.



Dois momentos do vídeo que viralizou na internet com mais de 13 milhões de visualizações: o jovem com apenas um dos tênis (à esquerda) e o calçado colocado na área expositiva do museu, atraindo a atenção de diversas pessoas

# A fronteira entre a arte contemporânea e uma brincadeira

Jovem larga All Star surrado em museu de Nova York e tênis é confundido com obra de arte

Um visitante anônimo do Museu Guggenheim, em Nova York, resolveu retirar um dos pés de seu All Star surrado e largá-lo num canto do espaço expositivo, conquistando a atenção de outros frequentadores, que pararam para observar e fotografar o que parecem acreditar ser uma obra de arte ao estilo da "A Fonte" de Marcel Duchamp.

A pessoa responsável pela instalação e seus acompanhantes, todos trajando tênis semelhantes, gravaram o episódio e publicaram o vídeo no TikTok através do perfil smth\_tok, entreterendo os internau-

tas. Alguns deles assumiram um tom mais crítico. "Arte moderna é onde até um tênis perdido se torna uma obra de arte instantânea", um usuário disse.

"Se você já esteve no Guggenheim em Nova York, você vai entender como é desorientador caminhar por aquela espiral, e isso se torna completamente razoável", respondeu outro.

Há, no entanto, quem optou por um caminho mais leve. "Não é uma exposição de verdade até o Just Stop Oil espirrar laranja", escreveu um internauta, em referência aos atos ativistas que têm atacado obras de arte com produtos alimentícios. A reportagem procurou o rapaz que publicou o vídeo viral, que não respondeu até o momento.

Entre os mais de 7 mil comentários, algumas pessoas ainda pedem pela continuação do vídeo: "Tinha que ter a continuação dele indo pegar o tênis e a reação das pessoas", sugere um internauta. No entanto, a conta do usuário só pos-

sui esse vídeo disponível. O conteúdo já obteve mais de 13 milhões de visualizações.

Brincadeiras à parte, o episódio alavanca um debate sobre a arte moderna. A arte contemporânea é notadamente uma expressão que desafia as noções e conceitos tradicionais do que se entende como artes tradicionais e, desta forma, a experiência deste grupo de jovens no Guggenheim reforça essa visão. No século XXI, qualquer objeto pode se tornar uma peça de arte se contextualizado de maneira específica, defendem os teóricos da arte contemporânea. Até porque um dos princípios elementares da arte moderna é que cada espectador pode interpretar uma obra de diferentes formas.

Fundado em 1939, o Museu Guggenheim é conhecido por abrigar exposições de vanguarda e a "instalação" de um tênis surrado em suas dependências não deixa de ser um gesto plausível.

Raphael Leder Arruda/Divulgação

Mutirão de artistas faz de quinta a domingo uma série de intervenções nas ruas de Santa Teresa

**H**á quem diga, e com razão, que Santa Teresa é a Montmartre brasileira. A partir desta quinta-feira (15), o bairro histórico recebe a primeira edição do Festival de Arte Urbana (Faust). Vários espaços de suas ruas terão artes em diversas técnicas, transformando a região numa galeria a céu aberto. O projeto é conduzido por artistas que moram ou já expõem seus trabalhos em Santa como RafaMon, Kajaman, Márcio SWK, Bruno “BR” Bogossian, Carol Pacini, Andréa Imbiriba e LF Zod.

O público poderá assistir todo o processo criativo de construção da arte, que engloba, azulejaria, grafite, mosaico e colagens, e ainda interagir, trocar experiências e vivenciar o dia a dia do trabalho. Música ao vivo em diversos bares e restaurantes completam as atrações.

Santa Teresa já conta com arte em vários espaços e o festival irá potencializar essa vocação. O objetivo é que esse corredor cultural se torne uma atração turística. “Sugerimos que o público confira os trabalhos dos artistas, passeie pelas atrações culturais e aproveite a diversidade gastronômica dos bares e restaurantes do polo, curtindo um dia completo no bairro”, convida Liliana Jaeger, presidente da Associação do Polo turístico e gastronômico de Santa Teresa.

Um mapa ajudará o público a localizar mais de 30 obras com informações sobre localização e autores em diferentes pontos do bairro. Ele poderá ser retirado na Estação do Bondinho na Carioca, nos bares e restaurantes, parques, museus, lojas e com promotores pelo bairro.

A artista RafaMon leva sua arte colorida e cheia de memórias com o Bondinho para a Tribas Pizza. O restaurante Simplesmente vai receber o artista Bruno Bruno “BR” Bogossian para estampar umas das suas principais paredes. O restaurante Café do Alto receberá o artista Marcio SWK que transformará uma das principais paredes do restaurante em uma



# Uma galeria a céu aberto

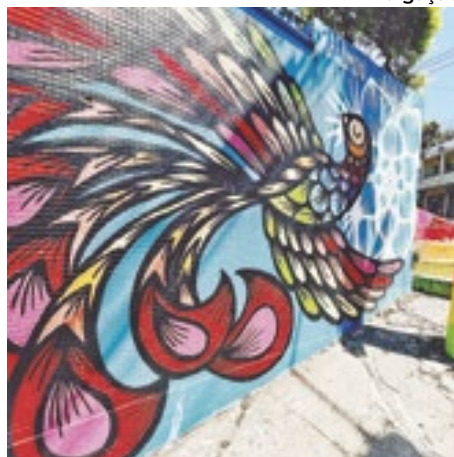
Santiago Harte/Divulgação



**Santa Teresa possui uma vocação artística com vários murais em suas ruas e um grupo de artistas planeja aumentar este acervo**

Divulgação

Divulgação



obra de arte com o tema “Raízes”, estampando um pouco da cultura e tradicional do restaurante nordestino.

O Cõng, restaurante asiático, será transformado em uma verdadeira galeria

pelas mãos de Marcelo Jou e Duim, que integram o coletivo Santa Crew com a obra “Meu Olhar, meu lugar”.

O restaurante Esquina de Santa receberá Marcio SWK que dará novas cores

ao instagramável que ocupa uma das paredes externas e é um point de fotos do bairro com a frase “Bem-vindo a Santa Teresa.”

O muro do Hotel MGallery será a tela da obra “Arte na Natureza” do artista Raphael Arruda, vulgo Busy. A técnica utilizada é uma mistura de spray e tinta acrílica, com verniz acrílico para finalizar. Na obra será possível identificar algumas espécies que correm perigo como o Tamanduá bandeira, Calau-gigante, tucano de bico preto e o Lobo-guará. “Já fiz diversos grafites em Santa Teresa e, para mim, é o local perfeito para o casamento entre arte urbana e natureza. As pessoas amam e dão muito valor para a arte aqui no bairro, a vibe aqui é diferente de tudo que já vivi”, comenta o artista.

Já na Rua Felício dos Santos, pertinho da entrada do restaurante Têrêze, é o local onde o morador de Santa Teresa André Kajaman irá presentear os visitantes com sua obra. Intitulada como “Folia de Rainhas”, a parede ocupará o espaço com referências do grafismo e padronagens étnicas em um universo afro-latino.

Uma das atrações será a pintura de um painel com São Cosme e Damião feito pela artista RafaMon. Já Bruno “BR” Bogossian estará na praça pintando para o público apreciar o trabalho do artista, trocar experiências e aprender sobre as técnicas.

## SERVIÇO

FESTIVAL DE ARTE URBANA  
De 15 a 18/8 | Entrada franca |  
Programação completa: [www.visitesantateresa.rio](http://www.visitesantateresa.rio)

# Reverência de fã para ídolo

Julie Wein relê obra de Chico Buarque em show inédito

**A** amante da MPB, a atriz e diretora Ana Beatriz Nogueira criou um projeto em que apresenta novos talentos em shows-homenagem a grandes nomes de nossa música. Nesta quinta-feira (15), Julie Wein - cantora, musicista, atriz, neurocientista e compositora premiada - sobe ao palco do Manouche com o show inédito "Uma Canção para Chico", uma reverência aos maior compositor brasileiro vivo que completou 80 anos neste 2024.

Para Julie, pisar no palco homenageando esse ídolo aos 80 anos é maravilhoso. "Chico Buarque faz parte da minha construção como cantora. Não podia

deixar de fazer esta homenagem. Conheci aos quatro anos de idade a obra de Chico, com "O Circo Místico". Me encantei de tal maneira que se tornou minha influência", conta.

Em tom intimista ao piano e voz, Julie, com toda sua potência e delicadeza e numa interpretação romântica de grandes obras buarquianas, mostrará canções como "Olha Maria", "As Vitrines", "Todo Sentimento", "Samba e Amor" e outros clássicos do compositor, acompanhada de Maria Clara Valle no violoncelo e, como convidados especiais, o ator e músico Jaffar Bambirra interpretando "Sem Fantasia" e "Desalento", por exemplo. Paulo César Medeiros assina a luz do espetáculo e Ana Beatriz Nogueira a direção geral.

A primeira edição desse projeto em março desse ano já foi



Carolina Werneck/Divulgação

**Julie** conheceu obra de Chico a partir d'O Grande Circo Místico' quando ainda era criança

## SERVIÇO

### UMA CANÇÃO PARA CHICO - JULIE WEIN

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

15/8, às 21h

Ingressos: R\$ 120 E R\$ 60 (ingresso solidário,

levando um quilo de alimento não perecível ou livro, a ser doado para os refugiados do Rio Grande do Sul)

uma arrebatada. Tom Zé, o homenageado, veio de São Paulo especialmente para assistir ao

show dos instrumentistas Luan Carbonari (violão) e Gabriel Rojas (piano), relendo seu repertório.

O sucesso foi tamanho que os dois já estão gravando um álbum na Biscoito Fino.

# Palco aberto para a autoralidade

Cantor e compositor Luã Yvys apresenta sua nova safra de canções no JClub

O cantor e compositor Luã Yvys é a atração desta quinta-feira (15) do JClub, da Casa Julieta de Serpa, dentro da programação do projeto Bossa Nova e MPB in Concert.

No show, Luã vai resgatar um pouco de seu primeiro álbum, o autoral "Essenímico", trabalho de sonoridade brasileira e alternativa. São músicas diversificadas, dinâmicas, e autênticas. Composições com mensagens fortes que se conectam

ao EP, "Avante", lançado em junho. "É basicamente um show com inéditas e estamos experimentando músicas novas. Acreditamos que o público vai gostar bastante. Vai ser bonito, vibrante!", garante Luã, filho de Elba Ramalho.

Cantor, compositor, instrumentista e produtor musical, Luã graduou-se em música na Berkeley College of Music, em Boston (EUA), e atualmente administra o Estúdio Gigante de Pedra, o estú-



Divulgação

Luã Yvys estudou música nos EUA

dio de Elba, localizado no Joá.

Retomado na semana passada, o Bossa Nova e MPB in Concert ocupará o espaço do JClub todas as quintas, com shows intimistas e uma curadoria especial que reúne nomes conhecidos e novos talentos. Completam o line-up do projeto, que vai até 6 de setembro: Nany People, Delia Fischer e Jota.pê. Repetindo a ação iniciada no ano passado, o projeto promoverá um show gratuito do Samba que Elas Querem no dia 26 de setembro, na Casa das Mulheres da Maré.

## SERVIÇO

### LUÃ YVYS

JClub (Casa Julieta de Serpa - Praia do Flamengo, 340 - 1º andar) | 15/8, às 21h

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Peça-show com Tuca Andrade resgata a obra essencial de Torquato Neto, poeta e letrista de canções eternas da Tropicália

**P**oeta que desfolhou sua bandeira libertária em plena ditadura militar, Torquato Neto (1944-1972) é um dos artistas mais representativos da Tropicália apesar de sua vida breve. Passados 52 anos de sua partida, o poeta, letrista da música popular brasileira e experimentador ligado à contracultura é celebrado no espetáculo “Let’s Play That ou Vamos Brincar Daquilo”, tendo o ator pernambucano Tuca Andrada no centro da cena.

A ideia para essa peça-show surgiu a partir do encontro do ator com a edição de “Torquatália”, de Paulo Roberto Pires, que em seus dois volumes, apresenta uma antologia do Torquato Neto, tanto de sua obra poética quanto em prosa, além de inéditos, correspondências, escritos de sua coluna no jornal Última Hora, em publicações diversas e, por isso, desconhecidos. Daí Tuca partiu para a criação do espetáculo, atuando e dirigindo em parceria com a também pernambucana Maria Paula Costa Rêgo. No palco, o ator está em companhia dos músicos Caio Cezar (que assina a direção musical) e Pierre Leite, além do público que também é parte da encenação.

“Let’s Play That é o nome de uma poesia do Torquato Neto que foi musicada pelo Jards Macalé, Vamos Brincar Daquilo é uma tradução livre para o título em inglês, e esse sentido de jogo, de brincar, é um chamamento para o público se relacionar comigo durante o espetáculo”, revela Tuca Andrada.

Em um palco em formato de

# Um turbilhão de poesia na geléia geral brasileira



**Tuca Andrada: ‘É uma figura muito interessante e importante para refletirmos sobre nossa sociedade’**

semi-arena, Tuca Andrada recebe cada pessoa do público que vai chegando e se acomodando, bem próximo dele, para acompanhar e se relacionar com o ator revivendo no palco a vida e a obra do poeta e letrista tropicalista Torquato Neto. Em pouco mais de uma hora o ator esbanja energia, com sua fisicalidade intensa, performática – resultado de pesquisa que contou com apoio de Maria Paula Costa Rêgo –, ocupando todos os espaços da cena, interpretando um artista popular, em alguns momentos ele mesmo e em outros o próprio Torquato, contando, cantando, vivendo histórias e impressões suas, costurando a dramaturgia com canções de autoria do Torquato com parcerias diversas como: “Mamãe Coragem” (Caetano e Torquato), “Minha Senhora” (Gil e Torquato), “Geléia Geral” (Gil e Torquato), “Lua Nova” (Edu Lobo e Torquato), “Pra dizer Adeus” (Edu Lobo e Torquato), “Destino” (Macalé e Torquato), “De Cá Pra Lá de Lá Pra Cá” (parceria póstuma com Zeca Baleiro e Fagner) e Marginalia II (Gil e Torquato), canta-

das em cena por Tuca Andrada, além de gravações de “Ai de Mim, Copacabana”, na voz de Gal Costa; “Três da Madrugada”, na voz de Caetano; “Deus Vos Salve a Casa Santa” e “A Rua”, essas duas como trilha sonora instrumental. Músicas que colocam em evidência o legado do artista para o Tropicalismo.

“Muita gente conhece Torquato sem saber, ouviu suas músicas, mas não sabe que são de sua autoria e, por isso, para mim foi tão importante trazê-las para a peça. Se prestarmos atenção na obra dele, é muito solar, cheia de movimento e dinâmica. Ele instiga uma perspectiva de reconstrução, de refazer, re-ler, re-ler o que está posto. Acredito que isso tem muito a ver com o momento que estamos vivenciando no país”, enfatiza o ator.

O espetáculo envolve poesia, stand-up show, performance, jogo e aula-espetáculo. Durante pouco mais de uma hora, o mundo e o tempo de Torquato Neto tomam conta do palco e do ator, que narra sua visão da história, com ajuda apenas de um banco, sonoplastia, música, dança e com um chão coberto

com as poesias de Torquato. Assim, como numa roda de amigos, Tuca Andrada se encanta, canta e conta a história desse artista inclassificável e não enquadrável, sob qualquer aspecto. Mas ele quer falar sobre Torquato sem as amarras de uma narrativa biográfica tradicional, como já havia experimentado no aclamado musical sobre a vida do cantor Orlando Silva.

A ideia de Tuca, agora, é de retomar a simplicidade do contador de histórias, do repentista, do cantor de feira que apenas com a voz e o corpo conduz a audiência para fora do tempo presente, transportando-a para outros universos. Durante as apresentações o público é convidado a participar, opinando, criticando, sendo livre para falar o que quiser. Dessa maneira o espetáculo se reconstrói em cada récita, marcando assim uma característica fundamental na obra torquatiana que é o de se reconstruir a cada momento. E os universos de Torquato são muitos.

Poeta, jornalista, agitador cultural, compositor, cineasta, ator e um dos ideólogos do movimento

mais importante na cultura brasileira, na segunda metade do século XX, a Tropicália. Torquato Neto era antes de tudo um apaixonado pelo Brasil e pelas diversas formas de comunicação. Apesar de uma vida curta – decidiu sair de cena aos 28 anos – mudou radicalmente a maneira de se fazer poesia e jornalismo no país. Nunca publicou um único livro em vida, mas sua obra continua reverberando em muitos artistas brasileiros até hoje, haja vista, o presente espetáculo.

“O importante, para ele, era comunicar. Meu desejo é poder instigar as pessoas a pensarem com ele. Acho que é uma figura muito interessante e importante para refletirmos sobre nossa sociedade”, diz Tuca.

## SERVIÇO

LET’S PLAY THAT OU VAMOS BRINCAR DAQUILO  
Teatro III - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66)  
De 15/8 a 16/9, de quinta à sábado (19h) e domingo (18h)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Por **Guilherme Luis** (Folhapress)

**T**endo muito dinheiro ou não, toda pessoa está à beira do colapso, e “Os Outros” sabe bem disso. Após narrar o desenrolar da briga entre duas famílias de classe média, a segunda temporada da série se muda para um condomínio de luxo da Barra da Tijuca na ânsia de escrutinar o caos vivido por gente rica.

Ali, muito milionário vive de fachada. É o caso da nova protagonista, Raquel, uma corretora de imóveis bem-sucedida e rica, que finge estar feliz, mas sofre por não conseguir engravidar, o que pensa ser crucial para manter o casamento de pé.

Ela é interpretada por Leticia Colin, agora no panteão de estrelas da Globo após o sucesso de Vanessa, sua vilã na novela “Todas as Flores”. Mas, se aquela personagem era uma ambiciosa desvairada, esta segue por outro caminho - Raquel é metódica, preocupada, e muito religiosa. Ela lidera uma célula, ou seja, uma reunião de moradores do condomínio que querem comungar a palavra de Deus.

A princípio a série dá indícios de que vai usar Raquel para criticar fanatismo religioso, mas o criador e autor Lucas Paraizo afirma que essa não é a intenção. “Pelo contrário, quero humanizar a religião. Essa temporada é sobre fé. O elemento surge de forma estereotipada, mas isso muda à medida que a história avança.”

“Quero dialogar com os religiosos. Os evangélicos, especialmente, que estão tomando protagonismo no nosso país, não são apenas um tipo de pessoa. São diversos e complexos, é nisso que quero tocar”, ele diz.

Nesse sentido, “Os Outros” deve amenizar também as cenas de violência. A temporada inaugural exibe nos primeiros minutos o rosto de um adolescente ensanguentado, depois mostra um marido agredindo sua mulher, e, mais adiante, filma um homem sendo empurrado da sacada do apartamento.

Cenas do tipo foram consideradas corajosa por uns, mas



*Letícia Collin se junta a Eduardo Sterblitch e Adriana Esteves no elenco da segunda temporada de ‘Os Outros’*

# Escancarando vidas de fachada

Nova temporada de ‘Os Outros’ volta com ricos infelizes, debate sobre religião e menos violenta

apelativas por outros. “A violência dessa temporada é menos visceral, menos física, está em outra instância. É menos reativa, mais premeditada. Não mudei para agradar, foi porque quis tratar essas cenas sob outra ótica para ampliar a discussão sobre o que é violência”, afirma Paraizo.

Para além das brigas e mortes, “Os Outros” é sobre intolerância, define o autor. A trama nasceu no Brasil polarizado de 2019, quando o cenário político fervia com o início da gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro. À época, o autor notou que havia cada vez mais embates entre familiares e vizinhos, cenário que só piorou com a chegada da pandemia.

“A intolerância está em várias camadas da sociedade. A primeira temporada começa com um soco na cara, numa quadra esportiva. Mas depois, vai entrando naquele

condomínio, e você percebe que todas as relações estão contaminadas”, afirma o autor. “Trazer o conflito para dentro de casa, essa é a anatomia que nos interessa.”

“Os Outros” é uma série antológica, com cada temporada contando a história de diferentes personagens, ainda que dentro de um mesmo universo - caso de “True Detective” e “The White Lotus”, uma referência declarada para Paraizo. Firmado há anos no mercado internacional, o formato ainda foi pouco explorado no Brasil.

Paraizo quis fazer uma antologia porque passou anos preso ao modelo tradicional de seriado no drama médico “Sob a Pressão”, com cinco temporadas lançadas entre 2017 e 2022. Foi nessa época que ele virou figura de prestígio na Globo, uma carta na manga da emissora para lançar produções consideradas mais cabeçadas.

Para tentar alcançar o resultado, o Globoplay pôs na direção Luisa Lima, tida como uma das mais autorais da Globo, com “O Rebu” e “Justiça” no currículo. Em “Os Outros”, ela abusa dos ângulos não convencionais para dar uma cara mais artística à série.

Foi Lima quem convidou Leticia Colin para interpretar Raquel. As duas já tinham trabalhado juntas em “Onde Está Meu Coração”, série que rendeu a Colin uma indicação à estatueta de melhor atriz no Emmy Internacional do ano retratado pelo papel de uma médica que sofre com vício por crack.

“Eu me atraio por esse lado estético da Luisa, o enquadramento, a luz, os planos sequência. É o tipo de coisa que numa novela não podemos fazer. Mas eu não seria nada sem as novelas ruins que já fiz”, diz Colin.

Ela se junta a um elenco que tem Sergio Guizé, Thomas Aquino e Adriana Esteves, que reprisa o papel de Cibele, uma mãe superprotetora. Sua personagem, protagonista na primeira temporada, segue buscando o filho Marcinho,

interpretado por Antonio Haddad, agora barbudo e foragido. Nos novos capítulos, o menino tenta reencontrar sua ex-namorada e o filho, que estão sob vigia do antagonista Sérgio, interpretado por Eduardo Sterblitch.

O ator atribui ao vilão uma virada na sua carreira. Isso porque ele ficou conhecido como humorista, fazendo uma sátira de Freddie Mercury no programa Pânico da TV!, da Rede TV! e da Band, há mais de uma década. “Eu era moleque de teatro ruim, feito para pouca gente”, diz.

Na nova temporada, Sérgio enriquece e se muda com a família para a residência vizinha de Raquel, com quem vai entrar em conflito. Em paralelo, ele usa sua lãbia e malícia para vencer uma eleição na Câmara dos Vereadores.

“Existe muita gente como ele no Rio, que faz merda e se acha acima da lei”, diz Sterblitch. “Meu desafio é levar o Sérgio a ter carisma mesmo sendo um mau-caráter. Isso faz com que o público queira, de certa forma, ser como ele, sem vergonha de quem é.”

# Leopardo da glória ruge para Irène Jacob

Massimo Pedrazzini/Divulgação



Aos 58 anos, a estrela de 'A Dupla Vida de Veronique' ganha troféu honorário no Festival de Locarno e agita o cinema europeu em parcerias com o polêmico Amos Gitai



*Irène Jacob ficou surpresa ao saber que é mais conhecida no Brasil por sua atuação no thriller pop 'U.S. Marshals: Os Federais'*

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**E**ternamente lembrada por seu desempenho em "A Dupla Vida de Veronique" (1991), filme com o qual foi laureada com o Prêmio de Melhor Interpretação no Festival de Cannes, a atriz franco-suíça Irène Jacob se diverte ao saber que sua longa-metragem mais reprisado em telas brasileiras é uma narrativa de ação, sem nada em comum com o cult de Krzysztof Kieslowski (1941-1996) que a consagrou. Semana após semana, algum canal a cabo ou alguma TV aberta projeta "U.S. Marshals: Os Federais" (1998), no qual ela contracena com Wesley Snipes e Tommy Lee Jones em sequências vertiginosas.

Saber que gerações de brasileiros descobriram seu trabalho pelas

vias de um thriller pop arranca um sorriso de Irène, que o foi escolhida para receber o troféu Leopard Club do 77º Festival de Locarno, que termina neste sábado.

"Gosto muito de perceber que a diversidade do cinema não me deixa engessada numa caixa, mas, pelo contrário, tira a minha imagem e o meu trabalho de rótulos. Gostei muito de atuar com Snipes nesse filme, que me mostrou o modo hollywoodiano de trabalhar, e é bom saber que essa narrativa segue viva, correndo o mundo", disse Irène ao Correio da Manhã durante a Berlinale, na capital alemã, onde participou com o polêmico "Shikun", hoje em trânsito por circuitos de exibição europeus.

Aos 58 anos, a estrela de "A Fraternidade É Vermelha" (1994) se prepara para voltar às telas no Festival de Veneza (28 de agosto

a 7 de setembro) com outra narrativa controversa, com foco no conflito Israel x Palestina: "Why War?". A direção é de Amos Gitai, artesão autoral israelense com quem trabalhou em "Shikun". Nesse longa exibido no Festival de Berlim, a base do roteiro é um diálogo com a peça teatral "O Rinoceronte" (1959), de Eugène Ionesco (1909-1994). A partir dela, o realizador de "Kedma" (2002) e "Kadosh - Laços Sagrados" (1999) propõe a desconstrução das certezas políticas do Presente. A trama acompanha situações absurdas de 20 personagens num prédio israelense.

À época de sua exibição, o cineasta disse à reportagem: "Peço aos meus elencos que interpretem o que vamos contar sem agirem como robôs interessados no tapete vermelho da fama. Irène é muito propositiva".

Em sua passagem por Locarno, Irène comentou o que é saber propor em cena. "Cinema não é uma arte que a gente faz do sofá, sentados sozinhos. É uma arte de equipe na qual você precisa aprender a olhar o outro. A maneira como essa mirada é construída muda tudo. Eu costumo agir de um jeito X quando a câmera está longe, sem que eu consiga trocar com o olho do câmera, mas ajo de maneira Y quando a lente passa por mim e eu tenho plena consciência de como sou observada. A arte cinematográfica nasce do jogo de observação", diz Irène, que filmou "Rio Sex Comedy" (2010) no Brasil, no fim dos anos 2000. "Godard dizia que a TV encurta nosso olhar e o cinema alarga nossa forma de ver. Um festival como Locarno, por exemplo, que exhibe Bergman na praça, para multidões, é um

espaço que revisita obras de ontem atento às obras de hoje. Eu me sinto muito honrada desse prêmio que recebo desse evento pelo que ele simboliza, além do fato de já ter estado na cidade como jurada".

Na ativa desde 1987, quando participou de "Adeus, Meninos", de Louis Malle (1932-1995), ela conta que o trabalho de Gitai foi uma trilha de desconstruções.

"Ionesco é uma referência no teatro para se pensar a incomunicabilidade entre as pessoas e o sendo do absurdo em sua estética é uma forma de traduzir a absoluta desconexão em que o mundo vive neste momento. Não acho que 'Shikun' é uma resposta ao conflito que se passa no Oriente Médio, mas, sim, à intolerância que nos cerca", diz Irène, mãe do ator Paul Kircher, hoje em ascensão no cinema francês. "É bonito ver ele encontrar seu caminho".

Depois de uma longa estrada em filmes de língua inglesa, entre os quais destaca-se "Othello" (1995), de Oliver Parker, Irène passou a se dedicar mais aos palcos europeus e a coproduções do Velho Mundo, como o recente "Rendez-vous avec Pol Pot", do cambojano Rithy Panh, que estreou no Festival de Cannes.

"Há muitas feridas abertas no Camboja e esse filme é uma abordagem muito pessoal dessas cicatrizes", diz a atriz, que sempre esteve cercada de cineastas de verve autoral em seu processo de criação. "Eu prezo muito pela liberdade. Foi o que encontrei nos sets de Amos Gitai e no trabalho com Rithy. Gosto quando o cinema transborda fronteiras. Reencontrar títulos como 'A Fraternidade É Vermelha' me mostra que essas histórias ultrapassaram as bordas do tempo".

'Lady Tempestade', 'Prima Facie' e 'Arqueologia do Futuro' lideram indicações do júri RJ

# Prêmio Shell indica os melhores espetáculos do 1º semestre

## OS INDICADOS DO 1º PERÍODO

O Prêmio Shell de Teatro, que chega a sua 35ª edição, anunciou os indicados do primeiro período de 2024, que contempla espetáculos que estrearam nos palcos do Rio e de São Paulo entre 1º de dezembro de 2023 a junho de 2024. De acordo com a organização da premiação, "a seleção de montagens indicadas representa a pluralidade da cena teatral brasileira, com 24 espetáculos dos mais variados temas, formatos, gêneros e vertentes".

Três produções saem na frente e acumulam três indicações, todas selecionadas pelo júri Rio: "Lady Tempestade" e "Prima Facie" - ambas dirigidas por Yara de Novaes, que recebeu uma indicação à melhor direção pelos dois espetáculos - e "Arqueologias do Futuro", com dramaturgia e direção de Mauricio Lima e Fabiano Dadado de Freitas, que concorrem nas duas categorias.

A lista dos indicados do segundo período será divulgada em dezembro, quando também serão divulgados os indicados na categoria Destaque Nacional. Essa categoria contempla espetáculos que estrearam em todo o Brasil, com exceção dos que tiverem estreado no Rio ou São Paulo. Para esta categoria, podem concorrer espetáculos realizados entre 1º de novembro de 2023 e 31 de outubro de 2024 e que tenham realizado um mínimo de 10 apresentações públicas no período especificado. As inscrições começam no dia 15 de agosto e podem ser feitas até 15 de novembro.

A cerimônia de premiação está prevista para ser realizada em março de 2025, no Rio.

Felipe Ovelha/Divulgação



Lady Tempestade

### SELEÇÃO JÚRI RJ

#### DRAMATURGIA

\*Silvia Gomez por "Lady Tempestade", Mauricio Lima e Dadado de Freitas por "Arqueologias do Futuro"

#### DIREÇÃO

\*Mauricio Lima e Dadado de Freitas por "Arqueologias do Futuro" e Yara de Novaes por "Lady Tempestade" e por "Prima Facie"

#### ATOR

\*Renato Livera por "Deserto", Othon Bastos por "Não me Entrego, Não!" e Márcio Vito por "Claustrofobia"

#### ATRIZ

\*Débora Falabella por "Prima Facie" e Andrea Beltrão por "Lady Tempestade"

#### CENÁRIO

\*Cesar Augusto e Beli Araujo

Divulgação



Prima Facie

por "Claustrofobia" e Marieta Spada por "Um Filme Argentino"

#### FIGURINO

\*Karen Brustolin por "A Vedete do Brasil" e Fábio Namatame por "Alguma Coisa Podre"

#### ILUMINAÇÃO

\*Fabiano Dadado de Freitas por "Arqueologias do Futuro" e Adriana Ortiz por "Um Filme Argentino"

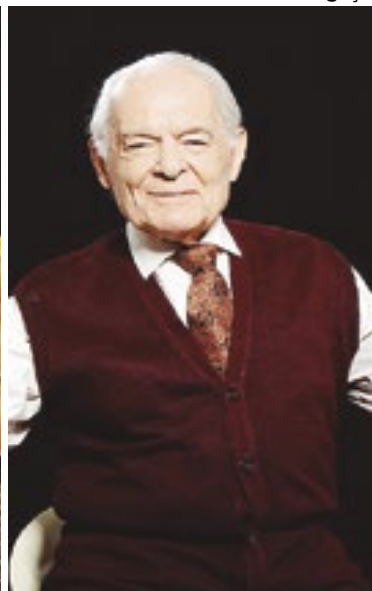
#### MÚSICA

\*Morris por "Prima Facie" e Dani Nega por "Eu Sou um Hamlet"

#### ENERGIA QUE VEM DA GENTE

\*João Vicente Estrada, Lana Sultani e Ricardo Loureiro, pela criação de uma experiência poética transformadora em "tudo é minúsculo tudo é presença", a partir das percepções

Divulgação



Eu Não Me Entrego Não!

do artista João Vicente, diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA) desde 2020.

\*Programa Enfermaria do Riso - UNIRIO, por desenvolver desde 1998 uma ação de extensão integrada entre os cursos de Teatro e Medicina para formação e pesquisa em torno de intervenções artísticas de palhaçaria em hospitais.

### SELEÇÃO JÚRI SP

#### DRAMATURGIA

\*Victor Nóvoa por "E se Fôssemos Baleias" e Jhonny Salaberg por "Parto Pavilhão"

#### DIREÇÃO

\*José Fernando Peixoto de Azevedo por "Depois do Ensaio, Nora, Persona" e Naruna Costa por "Parto Pavilhão"

#### ATOR

\*Sidney Santiago Kuanza por

"A Solidão do Feio" e Bruno Lourenço por "Brás Cubas"

#### ATRIZ

\*Noemi Marinho por "O Vazio na Mala" e Mel Lisboa por "Rita Lee, uma Autobiografia Musical"

#### CENÁRIO

\*Carla Berri e Paulo de Moraes por "Brás Cubas" e J.C. Serroni por "Primeiro Hamlet"

#### FIGURINO

\*Márcio Medina por "Cabaré Coragem" e Fábio Namatame por "Tarsila, a Brasileira"

#### ILUMINAÇÃO

\*Wagner Antônio por "Um Jaguar por Noite" e Gabriele Souza por "Cabaret"

#### MÚSICA

\*Zeca Baleiro pela trilha original de "O Ninho, um Recado da Raiz" e Jonathan Silva, Adilson Fernandes, Bruno Garcia, Carol Nascimento, Dani Nega e Flávio Rodrigues pela direção musical e trilha original de "Maria Auxiliadora"

#### ENERGIA QUE VEM DA GENTE

\*Teatro Oficina Uzyna Uzona, pelo êxito da mobilização cultural e social para a criação do Parque do Bixiga, marco para a história teatral e artística de São Paulo.  
\*Instituto Brasileiro de Teatro, pela abrangência de suas ações como agente de captação de recursos e de incentivo à produção e divulgação das artes cênicas.